

# **Araki, Nobuyoshi, Araki. Arakimentari, Araki. O trabalho de Nobuyoshi Araki – visões pessoais, visões do autor**

**Gabriela Coppola<sup>1</sup>**

## **Araki - introdução**

*Tenho tirado fotos desde que eu vim a este mundo. Eu tinha acabado de sair para fora do ventre de minha mãe, quando eu me virei e fotografei seu sexo! A fotografia é a primeira coisa que farei depois da minha reencarnação! Este é meu desejo de morte há sessenta anos. É um testamento no qual se lê: a fotografia é amor e morte...*

*(Araki, N. tradução livre de entrevista à Jérôme Sans, acesso em 20 de junho de 2010)*

A fotografia enlaça olhares. Nobuyoshi Araki está atado ao ato fotográfico. O fotógrafo amarra suas modelos e seu cotidiano. Os olhares das modelos enlaçam os espectadores. As cordas também. Obstinação a olhar as fotos, encontramos imagens ordinárias, ligadas ao habitual, às situações comuns que agarram ou aprisionam a rotina, valendo-se do estancamento da beleza, daquilo que passa por todos nós, todos os dias, quando vemos sem mirar, anexando ao que fora ou não observado, mas não preso, detido, seguro através da reflexão.

Mas a reflexão sobre os sentimentos narrados nas imagens também pode nascer da fotografia de Araki<sup>2</sup>. Torna-se impossível não ver tristeza,

---

<sup>1</sup> Atualmente cursando o doutorado em Artes Visuais, no Instituto de Artes da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), concluiu o mestrado na área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, na Faculdade de Educação, além do bacharelado e licenciatura em Pedagogia, nesta mesma Universidade. É professora convidada no curso de pós graduação em Design do SENAC São Paulo e professora titular do 5º ano na Escola Comunitária de Campinas.

solidão, vida e vazio em suas fotos de Tóquio e mesmo em seus retratos de modelos e/ou amantes congeladas nas imagens e amarradas em posições de submissão ou devoção ao fotógrafo e sua imagem.

Araki é polêmico. Suas fotos de pessoas sugerem sexo, suas fotos de cidades sugerem sexo, suas fotos de flores sugerem sexo, suas fotos de trânsito, comida, crianças, gatos, paisagens, vitrines, lixo, novaiorquinos, japoneses, negros, brancos, tudo sugere sexo e não é exaustivo repetir o que vimos, quantas vezes o olhar nos chamar, livremente. Sexo livre nas fotos de Araki. Suas fotos de sexo, no entanto, sugerem pessoas, flores, trânsito, comida, crianças, gatos, vitrines...

A leitura do seu olhar fotográfico não é isolada. Assim como ele mesmo afirma precisar de muitas câmeras para fotografar imagens, de maneira que uma única lente seria incapaz de captar, ao olhar suas imagens é possível ver muitas narrativas e não apenas um retrato. As pessoas lembram coisas e lugares, as coisas remetem a pessoas, os lugares são pessoas e coisas. Há uma dor em cada uma de suas fotos, mas não é uma dor única, é partilhada com o fotógrafo que retratou o que nossos olhos observam.

Porém, como ler um artista japonês pouco conhecido no ocidente, a partir de livros editados no Japão, pequena lupa de uma cultura tão distante e tão distinta? Da maneira como a fotografia se expressa, em imagens que podem e devem ser lidas e traduzidas livremente pela sua composição, multilinguística, luz, papel, cor, memórias e olhares do autor, memórias e

---

<sup>2</sup> Em busca por mais informações a respeito desta revista, infelizmente não foram encontradas a periodicidade, temática ou anos de vigência da publicação, porém é possível adquirir uma publicação do mesmo autor, datada de 1985 através do site: <http://www.amazon.com/Nobuyoshi-Araki-Shashin-Import-special/dp/B0072VVAD6> Acesso em 11 jun. 2014.

olhares do leitor. Esta é apenas uma das formas de se ver Araki, aquela que se pode ver neste momento, com estas experiências.

*As imagens são feitas para serem vistas, por isso convém dar destaque ao órgão da visão. O movimento lógico de nossa reflexão levou-nos a constatar que esse órgão não é um instrumento neutro, que se contenta em transmitir dados tão fielmente quanto possível, mas, ao contrário, um dos postos avançados do encontro do cérebro com o mundo: partir do olho induz, automaticamente, a considerar o sujeito que utiliza esse olho para olhar uma imagem, a quem chamaremos, ampliando um pouco a definição habitual do termo, de espectador.*

*Esse sujeito não é de definição simples, e muitas determinações diferentes, até contraditórias, intervêm em sua relação com uma imagem: além da capacidade perceptiva, entram em jogo o saber, os afetos, as crenças, que, por sua vez, são muito modeladas pela vinculação a uma região da história (a uma classe social, a uma época, a uma cultura).*

*(Aumont, 2002, p.77).*

Evidentemente, não se trata de uma leitura sem reconhecimento do trabalho do fotógrafo, tendo em vista que este texto se constitui a partir da análise de 19 obras do autor, compiladas em livros pela editora japonesa Heibonsha, entre os anos de 1996 e 1997, em formato hardcover. Além de um pequeno livro com as primeiras imagens do fotógrafo feitas em filmes vencidos, quando ainda estava fazendo sua graduação.

### **Nobuyoshi – Breve biografia**

Nascido em 1940, na cidade de Tóquio, sua primeira câmera foi uma Baby Pearl, uma pequena máquina 3x4 com um fole, que ganhou do pai na

década de 50 quando foi à uma excursão escolar. Tirou fotos de uma garota e do santuário de Ise.

Araki estudou fotografia e cinema na Chiba University entre os anos de 1959 e 1963, onde se influenciou com o cinema italiano neorrealista e com a nouvelle vague francesa. A partir de 1963, começa a trabalhar com fotos comerciais para a Dentsu Advertising, uma das maiores agências de publicidade mundiais, e utiliza os estúdios e equipamentos profissionais para seu trabalho pessoal. Deixa a empresa em 1972 e usa seus fundos de pensão para comprar uma 6x7 Asahi Pentax. Nessa época, já havia ganhado prêmios por seu trabalho fotográfico.

A partir de 1970 dedica-se com mais segurança à carreira fotográfica. Ele monta pequenos livros e os envia a seus amigos, críticos e pessoas selecionadas aleatoriamente nas listas telefônicas.

Conhece Yoko Aoki em 1968, com quem se casaria mais tarde, em 1971 e, durante a recepção de casamento, uma apresentação de slides mostra Yoko nua, o que deixa os convidados chocados. Mais tarde, publicaria *Sentimental Journey*, uma espécie de diário fotográfico de sua lua de mel. Em suas palavras, uma declaração de amor e de seu posicionamento como fotógrafo.

Em 1974, sua mãe falece e ele lamenta não estar carregando sua máquina fotográfica ao vê-la entre as flores e todo o ambiente. Sentiu como se fosse a primeira vez em que viu tal expressão em seu rosto.

*Estava além da realidade, algo real e verdadeiro. Isto era além da realidade, algo real e verdadeiro estava ali, uma paisagem-morte total. Como um fotógrafo de segunda categoria, eu quis fazer uma foto de seu rosto. Eu*

*fiquei olhando para ela. Meu corpo funcionou como uma câmera e eu fiquei pressionando o obturador.*

*(Araki, N. tradução livre de entrevista "Photo Workshop" magazine. Acesso em 20 de junho de 2010)*

Em 1976, abre a Araki's Private Photo School, com aproximadamente dez alunos e continua publicando séries fotográficas em revistas. Conhece Akira Suei, editor de uma revista pornográfica chamada New Self e nos anos seguintes trabalha junto com ele.

Realiza séries fotográficas sobre coisas que amava, bondages (amarrações ou, no termo japonês, kinbaku), faz trabalhos para a edição japonesa da Playboy, dirige o vídeo Love Declaration: The Actress Y's Private Life e realiza o cinema experimental Arakinema; publica Nostalgic Nights como um presente de casamento para Yoko, inspirado no filme Nostalgia, de Tarkovski, uma fotonovela em homenagem ao diretor Yasujiro Ozu.

O gato Chiro, que viria a nomear uma das publicações em nome do fotógrafo, começa a viver com o casal em 1989, e Araki suspende seu trabalho após a hospitalização da esposa, em decorrência de um mioma no útero. O fotógrafo captura este momento através das lentes, no hospital. Em 27 de janeiro de 1990, Yoko Araki falece, aos 42 anos. O impacto desta morte é incomensurável para o fotógrafo.

*Depois que os médicos prognosticaram meio ano de vida à minha mulher, ela voltou para casa. Meu mundo e o tempo detiveram-se por completo. Estava paralisado. No dia de sua morte nevava e senti como se o tempo tivesse se congelado. Fazia muito frio. Abri a janela e o gato Chiro-chan saiu para fora. Repentinamente Chiro-chan começou a mover-se. Era uma mostra palpável de vida que pôs um fim a essa atmosfera de pesar que me abrumava. Chiro-chan foi-me de muita ajuda. O gato e eu nos*

*comunicamos. Saltou inconscientemente e eu, também de maneira involuntária, comecei a fotografá-lo. O gato, ou minha mulher, queriam dizer-me que voltasse à vida, que não podia permanecer na morte. Creio que estes sentimentos estão bem refletidos na obra, daí, seu poder. "Sentimental Journey" é minha obra culminante. Depois dela, não existe outra. Quando se sofre a perda de um ser amado, a morte dá-nos um poder, revitaliza. É como se recebêssemos o poder da vida e da morte. A morte, por conseguinte, é uma coisa formosa. Quando se aproxima a morte, também se aproxima a beleza.*

*(Em entrevista para Arturo Escandón)*

Se Araki diz que depois de *Sentimental Journey*, publicado em 1971, não existe outra obra, ainda assim ele não interrompe suas publicações, tampouco para de fotografar. De certa forma, ele se torna a obra, se permite morrer e viver.

### **Araki – Trabalhos ou The works of...**

As fontes consultadas e o próprio fotógrafo não conseguem confirmar a quantidade de livros publicados do autor. Araki fala em torno de uma centena em entrevista à Nan Goldin, depois alega ser em torno de 250 para Jérôme Sans, alguns sites afirmam que já publicou mais de 200 livros, outros alegam 350. De qualquer forma, o fotógrafo, amplamente conhecido, polemizado e celebrado no Japão tem poucos rastros no meio ocidental. Sites esparços anunciam seu nome, 2,970 resultados em português contra 113.000 espalhados pela web através de busca no Google (20/06/2010). Números irrisórios para a quantidade de imagens produzidas por ele.

*As pessoas no exterior estão interessadas em minhas fotos agora, porque eu sempre trabalhei em Tóquio. Meu trabalho não tem nada a ver*

*com a influência do Ocidente, é baseada em meu relacionamento com meu assunto. (...) Eu fiz fotografia em Nova York uma vez, em 1979, e foi realmente emocionante. Mas eu uso palavras no processo de fotografar, então é difícil o exercício da foto no exterior. Eu costumo falar com a modelo que I'm shooting (disparando) - é uma palavra de ordem. As palavras não seriam necessárias se eu estivesse olhando para alguém como uma "coisa", um objeto, mas eu quero capturar a minha relação com o sujeito, a ação entre nós, o fluxo do tempo e humor. Se eu fosse fotografar estrangeiros eu realmente teria que estudar a linguagem.*

*(Araki, N. tradução livre de entrevista à Nan Goldin)*

Misto de fotógrafo, show-man, artista multimídia, celebridade midiática japonesa, auto-intitulado "photo-play-aholic", Araki é performático, um tanto jornalista, ao fazer "falsas séries" de reportagens, inserindo falsas datas em fotos impressas em folhas de jornal que rompem com as concepções de realidade e ficção, um literato, escritor ao criar narrativas fotográficas como nas páginas iniciais de *Death: Elegy*. Um linguista inventa palavras como *Erotos*, mistura de *Eros* e *Tanatos*, o amor e a morte que pairam sobre todas as suas imagens. Verborrágico? Talvez imagorrágico. Araki contagia.

Amarrar, acorrentar, atar, anexar, atracar, casar, prender, segurar, trancafiar, valer-se, ligar, obstinar-se. Seus modelos estão assim, seus retratos são assim, mesmo quando não há pessoas neles, podemos sentir a presença dos corpos, em especial, dos corpos femininos.

*O corpo feminino é uma de suas obsessões. Nas fotografias dedicadas ao corpo humano ou à sexualidade, Araki cria sempre uma atmosfera de realismo fantástico. Intervém no profilmico, manipulando espontaneamente o sujeito fotográfico; amarra seus modelos; descarrega flashes no primeiro plano; põe répteis de borracha em cena, sinais ou marcas de vaidade, como*

*as caveiras da pintura barroca; ou, inclusive, manipula o negativo. Não é possível determinar bem se critica a indústria pornográfica japonesa ou persegue uma finalidade estética mais profunda. "A verdade é que o objetivo é outro. Meu desejo é documentar minha relação com as mulheres, capturar inclusive nossos sentimentos. Isso é muito difícil, se não impossível de conseguir, mas esse é o objetivo. Interessa-me mostrar o tempo que passamos juntos, nossas vivências, nossas ações. A relação é de colaboração. Tudo isso tento deixar transparecer nas minhas fotografias. É necessário tato. Inclusive uma forma de tato mental. A relação íntima que estabeleço com meus sujeitos fotográficos é a base de tudo.*

*(Escandón, Arturo in Studium)*

E, então, essa profusão oblíqua de sentimentos e capturas aparece em toda obra de Araki e suas imagens apresentam-se narrativamente como uma força magnânime de vida e morte, vida e sexo, sexo e morte.

Não se trata de ser original, nem de impactar o voyeur de suas fotos com cenas nunca vistas anteriormente, não estamos diante de um crítico social, um documentarista da verdade, um historiador. Araki é mais do que um observador. Aproxima-se do antropólogo, mas, de certa forma, mantém-se mais próximo do antropofágico. Alimenta-se da presença de morte e sexo na elaboração de imagens que claramente remetem a seus temas principais, mas também é alimentado pelas ruas e pessoas de Tóquio, pelos bares, casas noturnas, ruas vazias.

O morcego de borracha que plaina no céu, o dinossauro e a boneca que brincam com as flores sensuais são seres tão vivos quanto as mulheres amarradas aos batentes das portas ou os homens que tentam ver por baixo das saias das dançarinas, como se não soubessem que suas calcinhas já estão refletidas no espelho do chão onde dançam. Um livro, apenas com gatos, inúmeras fotos do mesmo gato. Sete vidas. Todos em suas cenas são



meio pessoas, meio bichos, todos meio cadáveres, congelados pelas lentes e vivos na presença do espectador que folheia seus livros.

As imagens de Araki ecoam, seus temas ressoam, sua força reverbera. *Naked Faces*, ou os rostos nus apresentados no primeiro livro, repetem-se incansavelmente nas outras obras vistas. O livro trata, a seu modo, de um condensado de instantâneos em nome de um tema, mas em Araki os sujeitos são contados e recontados inúmeras vezes, até que consigamos refletir sobre sua tríade morte-vida-sexo, o fio condutor de toda sua obra.

A face da criança retratada na capa tem sua imagem-narrativa retomada em outra obra, *Chrysalis*, na qual meninas aparecem em poses, olhares e roupas que incitam sua sexualidade. Inegavelmente uma narrativa, pois após vermos tantas adolescentes e crianças em grandes quimonos, amarradas exatamente como nas suas reconhecidas fotografias de bondage, nuas, em maiôs ou deitadas na grama com as calcinhas à mostra, não é possível observar a pequena garota sentada no carrossel sem vê-la como alguém à mercê da sexualidade.

Em *Tokyo Novel*, o sexto livro da coleção, uma das primeiras fotos enquadra um menino, amarrado, aparentemente para não se perder da mãe em meio às multidões retratadas em inúmeras fotos que se seguem. Seu olhar não se diferencia do vazio das meninas anteriores e, neste sentido, mostra muito mais do que apenas um menino ou apenas as meninas anteriores. Vai além das amarras das fotografias. A fotografia de Araki amarra a ele mesmo.

Pois é através delas que ele dá luz às mulheres de *Bondage*, impossíveis de serem vistas ausentes das meninas que foram. Suas amarrações são amorosas declarações de amor, como as que ele mesmo diz serem as fotografias. E mesmo estando, em sua maioria, sozinhas e

deixadas com seus olhares ora com foco em algo distante, ora encarando com fúria quem as olha, ele está na fotografia, Araki é o tipo de fotografia que faz e, assim como ele próprio define “a fotografia é um ato em que o meu ‘eu’ é puxado através do assunto” (Entrevista para Nan Goldin)

E para captar seus temas, assuntos que se repetem à exaustidão em incansáveis imagens, ora extremamente elaboradas, ora apenas cotidianas, mas não menos levadas a sério, Araki usa câmeras diferentes, com possibilidades diferentes de captura. Num mesmo enquadramento, digitais, analógicas, polaróides, lentes distintas e inúmeros ângulos.

*A fotografia é uma colaboração com a câmera, e cada câmera é única; o nosso tempo não pode ser captado por uma câmera única. Usar uma câmera é como estar confinado a uma ideia fixa. Se eu fotografar uma mulher com uma seis-por-sete, câmera de médio porte, e em seguida com uma câmera compacta, a foto será diferente. Se você tomar a câmera como “homem”, é como se eu jogasse quatro ou cinco homens para uma mulher. Obviamente a resposta dela será diferente dependendo de quem for. Há também uma diferença dependendo se se trata de uma câmera que tenho muita experiência ou de outra que estou usando pela primeira vez, ou uma que seja difícil de usar.*

*(Araki, N. tradução livre de entrevista à Nan Goldin)*

Como afirmou a também fotógrafa Nan Goldin, em seguida a esta declaração, “Um amante velho e um novo amante”. Assim pode ser Araki, assim quer ser.

Tanto que Araki não se contenta apenas com a lente. Em muitas fotos, o artista intervém com cores nas imagens, pinceladas coloridas que conversam com o que foi retratado. Intervém também nos negativos, risca as fotos e através de suas intervenções, opõe-se ao moralismo que se impõe

às suas imagens, como em sua exibição *Photomania Diary*, em abril de 1972, quando policiais olharam foto por foto das 1500 expostas em um grande painel de luz. Foto por foto. Em oito apareciam órgãos sexuais. Ele teria sido preso naquele momento, se tivesse ido à exposição (Goldin, acesso em 15 de junho de 2010). Em 1988, a polícia ordenou a retirada da revista *Shashin Jidai*<sup>3</sup>, foi acusado de obscenidade em 1992 e um curador de galeria chegou a ser detido ao mostrar seus nus em 1993.

Mas, ele resiste e mantém sua obra. Intervém nela, riscando-a agressivamente, colando imagens sobre órgãos sexuais, mostrando, evidentemente, a que veio em sua arte.

Em *Obscenities and Strange Black Ink Stories*, vemos muitas destas fotografias riscadas, pintadas, mutiladas. O próprio Araki, em uma das fotos, parece pintar o sexo de uma de suas modelos. Contradições e contraposições. Rostos riscados parecem proteger da obscenidade as pessoas cujos órgãos sexuais aparecem expostos, mas em sequência, microfones, crianças, máquinas fotográficas e miolos de flores deixam tudo o que está na foto tão obsceno quanto qualquer genitália. E, então, é o próprio sexo que aparece riscado... seriam obscenos os rostos?

E qual a diferença entre obscenidade e moralidade senão apenas o jogo do que pode e não pode ser, dos estatutos estabelecidos culturalmente pela decência, do cotidiano e não cotidiano revelado pela fotografia, entre a morte e o sexo? *Death: Elegy* inicia esta narrativa, através de suas nove páginas duplas iniciais, nas quais o sexo aparece como protagonista entre duas pessoas, televisão, roupões, gozos e olhares. A décima página traz o corpo preparado para o funeral. E a partir dela, seguem-se outras nove

---

<sup>3</sup> Para visualizar as fotografias de Nobuyoshi Araki, acesse: <http://www.arakinobuyoshi.com/>.

páginas de rituais fúnebres, uma ponte, uma menina só, e retoma-se, em seguida, fotos coloridas que celebram entre intervalos, os dois rituais, o de morte e o do sexo, finalizados na imagem da moça nua com máscara branca no rosto, lendo revista e fumando cigarro. Isto seria vida?

Vida está em Eros: boca, pênis, pelos, dobras de bebê, fruta e vagina, língua e esperma. Tudo fotografado em detalhes tão íntimos, tão aproximados, que fluxo de vida e fluxo de sexo confundem-se com borracha, vibradores e lagartixas de borracha. Vida-Sexo-Morte. Uma seleção de imagens poderosas, tão sensuais quanto as flores de Sensual Flowers: secas, vivas, solitárias, em vasos, flores sexuais. Araki mostra sua tríade em paisagens, folhagens, brinquedos, em seu quintal. A flor da bananeira finaliza a seleção, com seu formato e força de coração, vermelho e forte.

As mulheres amarradas que virão, em seguida, em Bondages, são também rodeadas pelas flores, vivas ou mortas, que muitas vezes estão ao seu lado ou em suas roupas. Parece, desta forma, que o fotógrafo estava o tempo todo no mesmo lugar, acompanhando as mesmas mulheres, nas mesmas casas, na mesma cidade.

E são exuberantes, fortes, corajosas, sensuais... livres, as mulheres amarradas são mais livres do que tantas outras narradas em seus mesmos livros ou em tantos outros momentos. O Kinbaku, uma prática milenar de amarração segura de inimigos, exercida entre samurais, entrou para o universo do erotismo a partir de influências ocidentais, como a prática de bondage, que tem se destacado como fetiche e do sadomasoquismo.

Araki traz sua força antes desta leitura ocidental, mas o sentido erótico é presente em suas imagens com a força e o impacto das cordas que sustentam e seguram as mulheres. Se segura seus braços e pernas, não

pode fazer o mesmo com seus olhares. Se a fotografia amarra com as cores, sombras e composições, não pode fazer o mesmo com nossa imaginação.

São imagens livres, de prazer, dor, vida, morte, Eros, castração. São estas forças presentes em Araki que o consomem na produção de tantas fotos. São tantas e são as mesmas.

*A Baby Pearl (sua primeira máquina fotográfica) era uma câmera com um fole, fabricada na Alemanha ou no Japão, não tenho certeza qual. Comecei por tirar fotos não só de meninas, mas de cenários. (...) Então eu fui sempre fazendo a mesma coisa! Eu não fiz nenhum progresso.*  
(Araki, N. tradução livre de entrevista à Nan Goldin)

E as mulheres apresentadas em A's Lovers não estão amarradas pelas cordas, mas pelo sentimento por Araki. A cantora islandesa Björk demonstra este olhar; e em Sentimental May são as coisas, paisagens, animais que dizem deste estado.

Um pequeno livro amarelo, anexo à coleção, evidencia: são apenas olhares de crianças...

Ainda seria possível dissertar sobre Araki e sua obra em muitos outros aspectos. Seus quadros, suas paixões, sua relação com Yoko<sup>4</sup> e sua morte que o fez retratar apenas o céu durante muito tempo, o incentivo de seu pai, um fotógrafo amador, a relação com suas modelos, suas bebidas e a noite. O tempo para Araki, os amigos e o desejo pelo cotidiano, a negação de se intitular artista de uma arte culta, pertencer a uma arte popular.

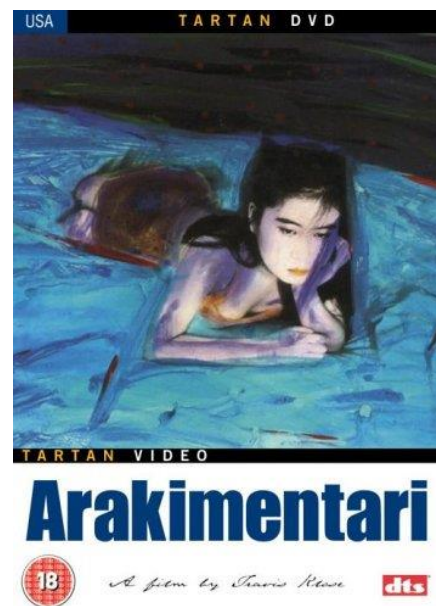
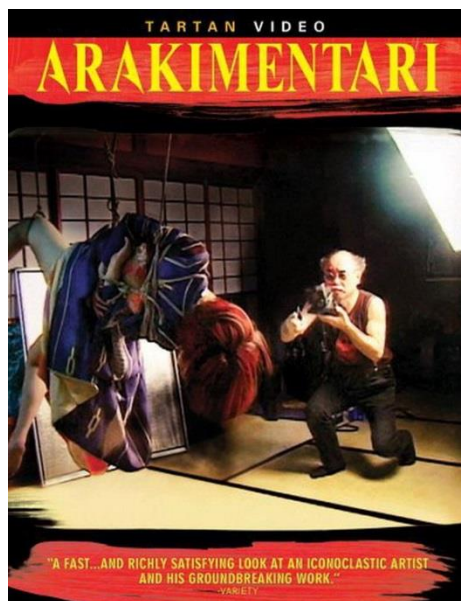
Mas este é só um enquadramento deste sujeito, deste tema, desta tríade.

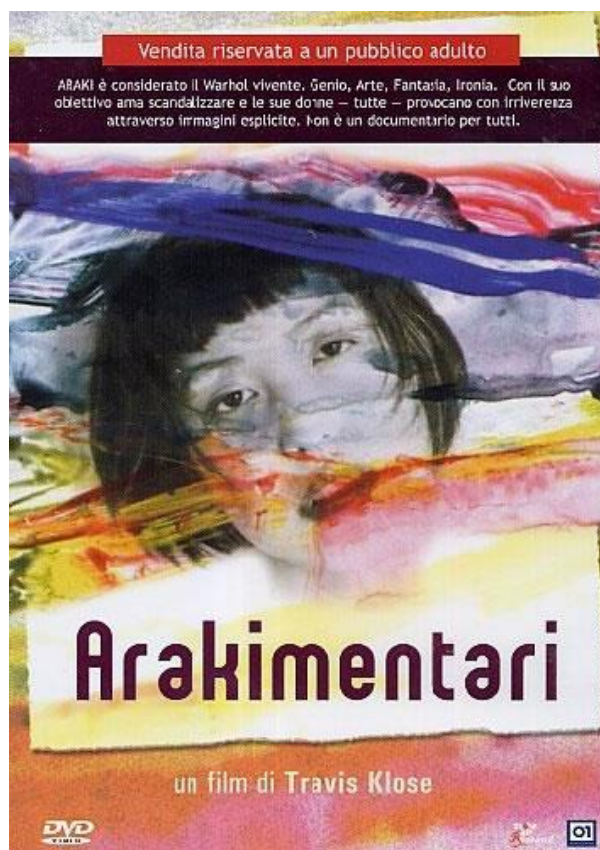
---

<sup>4</sup> O único livro da coleção a não ser retratado chama-se Yoko. Este material merece, apenas para si, uma análise mais detalhada.

## Arakimentari – a journey into the work and mind of Nobuyoshi Araki

*"Nobuyoshi Araki, ao contrário, é despojado de formalismos, rigidez na composição e no uso de técnicas. (...) Araki vive a obsessão dos tempos modernos de produzir e consumir muitas imagens. Trabalha obsessivamente e produz como uma máquina criativa de fotografia. Para ele, tudo é fotografia passível de ser arte. Granulação, luz baixa, flash estourado em primeiro plano, interferências na foto, fotos banais, fotos meramente documentais, alta definição, fotos conceituais, paisagens bucólicas, histórias pessoais, seu próprio ato sexual, morte, sadismo, enfim, Araki é uma síntese da fotografia japonesa. (...) Araki é um fotógrafo crítico e polêmico. Ele ironiza a sociedade japonesa em suas montagens, principalmente sobre questões ligadas ao corpo e a sexualidade, criando um clima de realismo fantástico, às vezes passando pela foto espontânea de pouca qualidade técnica, polaroid e também com grandes produções em estúdios (...) A fotografia de Araki é o significante em sua vida, sua referência absoluta."*  
(Tacca, acesso em 10 de junho de 2010)





Trechos da vida e a obra do fotógrafo Nobuyoshi Araki foram condensadas e narradas no documentário Arakimentari, dirigido por Travis Klose, em 2004.

Neste filme, aspectos de sua busca pela imagem fotográfica e algumas polêmicas acerca do impacto destas na cultura japonesa são abordados e promovem uma forma de entendimento sobre o artista-personagem-sujeito-fotógrafo que compõem a figura profissional e pessoal de Araki.

*"O que é um fotógrafo?"*

*O que é uma fotografia? Como eu fotografo? Do que eu deveria tirar uma fotografia?*

*Por que eu deveria fotografar?*

*Eu deveria fotografar isto? O quê?*

*Posso fotografar isto? Uma foto se transforma em memória? Isto é um amigo? Por que queremos guardar uma foto? Isto é um amante? Por que esta cor? Isto é espantoso. É inacreditável! Não, isto deve ser um inimigo. Eu deveria fotografar em preto e branco? Ou colorido? Impressionante! Seu rosto mostra quem você é. Isto faz de você um tesão? Você está ficando excitada? Isto é nojento! Eu não gosto disso, é grosseiro. A sensação está esvaindo-se. Eu queimo todas as experiências em filmes. A memória nunca se esvai. Como seria se eu tirasse uma foto de todas as experiências que eu já tive? O que significa ser fotógrafo?"*

*(Frases retiradas do início do filme Arakimentari. Tradução livre.)*

O turbilhão de perguntas disparadas ao espectador inicia uma narrativa tão frenética quanto a próprio sujeito de quem vai se falar: Nobuyoshi Araki.

Enquanto a voz feminina narra em japonês as perguntas e estas aparecem escritas em inglês em cantos distintos da tela, mudando a expectativa lógica da legenda, as imagens que aparecem são de diferentes fotos de Araki: nus, pedaços de comidas, bondages, orgasmos, fotos que parecem flagrantes, fotos que parecem montadas, fotos colorizadas, manchadas, azuladas, paisagens, modelos sós, modelos acompanhadas; sua mulher, seu quintal e seu gato permanecem por um tempo mais longo do que as outras imagens. Tudo negro. E a imagem em preto e branco do homem, com cabelos arrepiados que imitam pequenos chifres, óculos espelhados, camiseta preta, segurando um lagarto em sua barriga.



## O que significa ser fotógrafo?

O som techno cola-se às imagens seguintes e imprime ritmo à narrativa durante o filme, Mescla-se aos ruídos das ruas, das gravações nos estúdios, às conversas paralelas nos bares. Ora sem som, ora com som, sempre há ruídos nas imagens. A própria escolha das músicas privilegiaram o ritmo e as opções de Araki como algo vivo, rápido e impactante.

Os relatos das personalidades que depõem a favor de Araki, seu modo de ser pessoalmente e profissionalmente, são intensos. Os depoentes são ligados ao artista e à sua arte de algum modo.

Yoshiko Kamikura. Fotógrafa. Richard Kern. Fotógrafo. Koutaro Iizawa – crítico de fotografia. Daido Moriyama. Fotógrafo. Komari. Modelo. Hisako Motoo. Curadora. Seiji Fujii. Escritor de não ficção. Megumi Asakuma. Modelo. Maro Akaji. Líder de um grupo de dança Butoh. Atsumi Itabashi. Cantora de pub.

Abaixo, reproduzem-se algumas falas em momentos que definem a linha de trabalho e de personalidade do fotógrafo.

“Provavelmente a pessoa mais energética que já conheci em minha vida”, diz a cantora Björk.

“Fotógrafa como Deus. É como se fosse um tio pervertido. Você não espera por isso, mas ele é um gentleman. Araki é amigável, engraçado e rápido. Um pouco como se estivesse fazendo artes marciais.” dizem diferentes modelos.

“Ele é realmente tímido. Ele relaxa os fotografados, então cria seu próprio mundo.”, fala o diretor de cinema Takeshi Kitano.

Galanteador, parece esconder sua timidez em cantadas baratas e diz à modelo, sentada ao seu lado no bar: “Quando eu a vi eu me apaixonei e comecei a fotografar. Mas eu não tentei agarrá-la. Por um ano inteiro, não fizemos sexo. Então, eu usei a minha câmera. Certo? Está feliz com a história que acabei de contar para eles? Você é muito especial, É incrível que ainda seja virgem. Normalmente eu durmo com as garotas com quem eu trabalho. É espantoso que você esteja fora disso ainda.” E ela ri com ele.

“Ele é diferente quando fotografa?” alguém pergunta para ela. “Sim, um pouco.”

“Mentira, tudo mentira!” diz Araki. E completa: “Fico carente sem minhas lentes.”

“As fotos de Araki me inspiraram a dançar. Nossa dança é um outro tema, o tema de Araki é erotismo e morte. Tem um lado de morte, um espírito de morte. Ele não apenas bate uma foto. Tem um lado de morte, um espírito de morte.”, diz o dançarino de butoh.

Vale ressaltar que a própria documentação do butoh, cujo nome refere-se ao movimento das mãos pairando no ar e os pés no chão, não é permitida em inúmeras ocasiões. Os dançarinos são intimamente ligados ao seu exercício expressivo e cada dança e seu movimento poético que rompem com as formas tradicionais de dança e apresentação. Cada exibição é única e não há busca pela espetacularização artística. À Araki, foi permitido registrar.

O filme é rápido como Araki. Corta cidades, dias, noites, lugares; enquadra recortando pessoas, abusa das luzes avermelhadas do bar e tenta, assim como faz o próprio fotógrafo, narrar o cotidiano tentando transformá-lo em um não cotidiano, em algo especial, diferenciado, como nos créditos,

ao colocar todos cantando em um karaokê. E tenta realizar também o movimento inverso, buscando em imagens de impacto, como a nudez das personagens que literalmente se abrem para Araki, uma naturalização, usando a própria luz do estúdio, sem camuflar.

A sequência de capas de livros que correm e os cortes que introduzem as fotografias são interrupções narrativas que, ao mesmo tempo em que param, movimentam a estrutura fílmica, dando ao espectador uma percepção parecida com a que se tem nos livros do fotógrafo, quando uma narrativa de sexo, por exemplo, é rompida com a imagem de um pedaço de corpo morto, num ritual fúnebre, que segue uma sequência paralela e depois já se transforma em outra coisa.

De certa maneira, o diretor Travis Klose segue em audiovisual a mesma narrativa que Araki tem em sua fotografia. Une o popularesco da rua ao conceitual da crítica de arte. Une as cores dos momentos do bar com o formato sóbrio das luzes e refletores do estúdio.

Muitas pessoas fotografam com Araki, ao contrário do que se pode imaginar ao ouvir as histórias sobre ele e ver suas imagens, o homem passa mais tempo entre as lentes e a modelo do que olhando o visor da máquina e enquadrando os sujeitos da foto. Apertar o botão é um corte, um ato inquestionável, mas aparentemente insignificante.

É nesse intervalo que imprime sua marca, sua alma.

A modelo Shino, magnificamente amarrada em uma das fotos mais significativas do fotógrafo diz: "Alguns dizem que a fotografia rouba parte de sua alma. É assim que me sinto com relação a Araki: quanto mais ele fotografa, mais vazia eu me sinto. Paro de pensar."

A jornada começa. E Araki fotografa.

## Referências bibliográficas

ARAKI, Nobuyoshi. **A's Lovers**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1997.

\_\_\_\_\_, **Bodyscapes**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1996.

\_\_\_\_\_, **Bondage**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1997.

\_\_\_\_\_, **Chiro, Araki and 2 lovers**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1997.  
shown at right.

\_\_\_\_\_, **Chrysalis**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1996.

\_\_\_\_\_, **Death: elegy**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1997.

\_\_\_\_\_, **Dramatic shooting and fake reportage**. Heibonsha Limited,  
Tokyo, 1997.

\_\_\_\_\_, **Erotos**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1997.

\_\_\_\_\_, **In ruins**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1997.

\_\_\_\_\_, **Naked faces**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1996.

\_\_\_\_\_, **New York**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1996.

\_\_\_\_\_, **Obscenities and strange black ink**. Heibonsha Limited, Tokyo,  
1997.

\_\_\_\_\_, **Private diary 1980-1995**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1996.

\_\_\_\_\_, **Private diary 1999**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1996.

\_\_\_\_\_, **Sensual flowers**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1997.

\_\_\_\_\_, **Sentimental may**. Heibonsha, Tokyo, 1997

\_\_\_\_\_, **Sentimental travelog**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1996.

\_\_\_\_\_, **Tokyo novel**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1996.

\_\_\_\_\_, **Xeroxed photo albums**. Heibonsha Limited, Tokyo, 1997.

ARAKIMENTARI. Produção Jason Fried. Direção Travis Klose. Estados Unidos: 2004. DVD (85 min): son. col.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 10. ed. Campinas: Editora Papirus, 2002.

ESCANDÓN, Arturo. Entrevista com Araki. **Revista Studium** [online]. Disponível em <http://www.studium.iar.unicamp.br/10/1.html>. Acesso em 20/06/2010.

FELIX, Zdenek. The universe in the photos of Nobuyoshi Araki. **American Suburbx** [online]. Disponível em: <http://www.americansuburbx.com/2010/01/theory-universe-in-photos-of-nobuyoshi.html> Acesso em 15/06/2010.

GOLDIN, Nan. Naked city: interview with Araki by Nam Goldim (Art Forum, janeiro de 1995). **American Suburbx** [online]. Disponível em: <http://www.americansuburbx.com/2008/01/theory-naked-city-interview-with.html> Acesso em 15/06/2010.

SANS, Jérôme. Interview with Nobuyoshi Araki (para Taschen). **American Suburbx** [online]. Disponível em: <http://www.americansuburbx.com/2009/09/interview-araki-interviewed-by-jerome.html>. Acesso em 15/06/2010.

TACCA, Fernando Cury de. Fotografia japonesa: do surrealismo ao realismo fantástico. **Revista Studium** [online]. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/quatro/7.htm>. Acesso em 10/06/2010.

VAN TUYL, Gijs. Nobuyoshi Araki: life and death photography (1997). **American Suburbx** [online]. Disponível em: <http://www.americansuburbx.com/2010/01/theory-nobuyoshi-araki-life-and-death.html>. Acesso em 15/06/2010.

YOSHIYUKI, Kohei. Nobuyoshi Araki in conversation with Kohei Yoshiyuki. **American Suburbx** [online]. Disponível em <http://www.americansuburbx.com/2009/03/interview-nobuyoshi-araki-in.html>. Acesso em 15/06/2010.

YOSUMI, Akihito. **Nobuyoshi Araki biography** (Compiled for the publication "Kukei, Kinkei" - Laments: Skyscapes / From Close Range, 7 99 7; edited) [online]. Disponível em: <http://www.designautopsy.com/araki/biography.html>. Acesso em 20/06/2010.

\_\_\_\_\_. **Photo Workshop magazine** [online], Sept. 7 97,4. , Disponível em <http://www.designautopsy.com/araki/biography.html> . Acesso em 20 de junho de 2010.

## Por um manifesto pós-fotográfico<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> **Joan Fontcuberta** (Barcelona, 1955) é fotógrafo e atua também como crítico, professor e ensaísta. Recebeu o último Prêmio Nacional de Artes Visuais “por seu papel determinante na cultura fotográfica contemporânea através de suas múltiplas atividades” ao longo de mais de trinta anos. Em seus trabalhos de criação e reflexão analisou, dentre outros, os conflitos entre imagem fotográfica e verdade.